

[SEM V_{DICENDI} QUE]: UM CONECTOR HIPOTÁTICO DE ADIÇÃO DO PORTUGUÊS

[SEM V_{DICENDI} QUE]: AN ADDITIVE HYPOTHATIC CONNECTOR IN PORTUGUESE

Monclar Guimarães Lopes¹
Samara Costa Moura²

RESUMO: Neste artigo, buscamos descrever o uso e investigar a origem de [sem V_{dicendi} que], um conector aditivo que atua na articulação hipotática integrada e na hipotática desgarrada do português. O particular interesse por esse objeto está associado: a) à falta de descrição do objeto na literatura linguística; b) ao fato de ser um subesquema não composicional na língua, com traços de dessemantização em relação à construção modal/condicional negativa, sua provável origem. Fundamentamos nossas análises nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. CUNHA et al, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016 etc.), com foco especial na perspectiva da construcionalidade (ROSÁRIO e LOPES, 2019), que nos permite reconstruir, hipoteticamente, a trajetória diacrônica das construções com base em sua gradiência sincrônica. Selecionamos 248 ocorrências da sequência *sem + V_{dicendi} + que* da base de dados *Now do Corpus do Português*. Os resultados evidenciam que essa sequência de palavras pode instanciar mais de uma construção: a de conexão aditiva [sem V_{dicendi} que] e a conexão modal/condicional [[sem][oração não finita]]. Além disso, a menor composicionalidade e maior vinculação da construção aditiva em relação à modal/condicional, quando compostas pelos mesmos elementos, são fortes indícios de que a primeira teve sua origem na recategorização da última.

PALAVRAS-CHAVE: Conector aditivo. Hipotaxe integrada e desgarrada. Construcionalidade. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT: This paper aims to describe the usage and to investigate the origin of [sem V_{dicendi} que], an additive connector used on attached and/or unattached clauses. The particular interest in this object is associated to: a) the lack of description of the object in the linguistic literature, despite its high frequency; b) the fact that it is a non-compositional subscheme of Portuguese, which probably suffered bleaching in relation to the negative modal/conditional construction, its probable origin. We base our analyzes on the theoretical assumptions of Usage-Based Functional Linguistics (cf. CUNHA et al., 2013; OLIVEIRA & ROSÁRIO, 2016 etc.), with a special focus on the perspective of constructionality (AUTHOR, 2019), which allows us to hypothetically rebuild the diachronic trajectory of constructions based on their synchronic gradience. A total of 248 tokens of the sequence of words *sem + V_{dicendi} que* were selected from *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org). The results show that this sequence of words can instantiate more than one construction: the hypotactic additive construction [sem V_{dicendi} que] and the modal/conditional construction [[sem][nonfinite clause]]. We argue that the additive

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense – e-mail: monclarlopes@id.uff.br.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense – e-mail: samara_costa@id.uff.br.

construction has its origin in the modal/conditional one, given the fact that it is less compositional and its elements are more coalesced to each other.

KEYWORDS: additive connector; attached and unattached clauses; constructionality; Usage-Based Linguistics.

Considerações iniciais

Neves (2018, p. 791), na *Gramática do Português Revelada em Textos*, distingue dois sentidos básicos para a preposição *sem* na articulação hipotática:

a) Modo:

- i) Será que está me seguindo há algum tempo, *sem* eu perceber?
- ii) Lorenzo tinha deixado o fundo da sala, *sem* que eu percebesse.

b) Condição:

- iii) Por isso eu não poderia ir embora *sem* dizer a você, enquanto é tempo, alguma coisa sem sentidos ocultos.
- iv) “*Sem* que se produzam fatos que comprometam a democracia, não podemos deixar que os trabalhadores sem terra sejam donos do país”, afirmou o senador.

Como podemos observar, a articulação hipotática iniciada pela preposição *sem* pode introduzir orações não finitas (i e iii) e finitas (ii e iv). Gostaríamos de ressaltar que, embora a autora não aborde o valor negativo próprio da preposição *sem*, ressaltamo-lo aqui. Assim, sustentamos que *sem*, nas ocorrências supracitadas, introduz orações com valor modal/condicional negativo.

Além dos valores semânticos de modo e condição negativa, encontramos, no português, usos da preposição *sem* em contexto aditivo, tanto em articulações hipotáticas integradas quanto em hipotáticas desgarradas. Como ilustração, vejamos duas ocorrências³:

(01) Meus sentimentos a familiares e amigos, agora como está acontecendo essas fatalidades, com atores, atrizes, músicos e outros, *sem falar que* muitos estão hospitalizados.

(02) Rio Grande do Sul e Minas Gerais, por exemplo, fazem uso da lenha, mas têm fogões, lareiras e churrasqueiras de boa qualidade. *Sem contar que* a lenha é comercializada nessas regiões.

Tanto em (01) quanto em (02), a preposição *sem* é um dos elementos de uma construção conectora complexa de função aditiva. As expressões destacadas assumem valor de adição em virtude do contexto em que ocorrem. Aparecem entre duas unidades de informação – às vezes

³ Todas as ocorrências deste trabalho foram extraídas da base de dados *Now*, do site *O Corpus do Português* – www.corpusdportugues.org.

articulam orações, como em (01); às vezes, períodos ou parágrafos, como em (02) – e promovem uma expansão por extensão, conforme defendem Halliday e Matthiessen (2004). Segundo os autores, a expansão por extensão pertence ao eixo lógico-semântico e ocorre quando “uma cláusula expande a outra, estendendo-a para além: *adicionando* alguma informação nova” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 378, grifo nosso).

Cabe frisar que a despeito de o sistema tático da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen ser pensado para a cláusula complexa, isto é, para unidades que atuam no nível do período, defendemos que suas categorias podem ser empregadas também em nível transfrásico, como o que ocorre em (02). Um critério adicional que pode ser usado para atestar o valor de adição dessas estruturas é o da comutação – mas como método adicional de análise e não único. Nesse caso, podemos proceder à substituição de [sem $V_{dicenci}$ que] por outras estruturas aditivas, como *além de*, *além disso*: a) meus sentimentos a familiares e amigos, agora como está acontecendo essas fatalidades, com atores, atrizes, músicos e outros, *além de* muitos estarem hospitalizados; b) Rio Grande do Sul e Minas Gerais, por exemplo, fazem uso da lenha, mas têm fogões, lareiras e churrasqueiras de boa qualidade. *Além disso*, a lenha é comercializada nessas regiões.

Entendemos que, nesses casos, a semântica de adição não está associada particularmente à preposição, mas a construção complexa de que esse elemento participa. Representamo-la, aqui, por meio da seguinte notação: [sem $V_{dicendi}$ que]. Nessa representação, os colchetes representam a alta vinculação sintático-semântica dos elementos. A vinculação sintática se mostra pelo fato de, na conexão aditiva iniciada por *sem*, os elementos estarem dispostos sempre nessa ordem, sem termos intervenientes; a vinculação semântica, à perda de traços composicionais dos elementos que compõem a construção. O sentido de adição não emerge particularmente de um de seus elementos, mas, sim, do todo. Inclusive, quando o falante, em (01), por exemplo, diz “sem falar que muitos estão hospitalizados”, ele faz o contrário do que propõe a semântica dos elementos da construção, na medida em que ele, efetivamente, diz o que não era para ser dito.

As duas ocorrências apresentam diferenças quanto à articulação. A primeira é hipotática integrada, haja vista a sua dependência sintática a uma oração matriz presente no mesmo período. A segunda é hipotática desgarrada (cf. DECAT, 2011), uma vez que está desvinculada do período em que se encontra a oração matriz a que faz referência.

Vale ressaltar que a sequência de elementos *sem* + $V_{dicendi}$ + *que* nem sempre representa uma ocorrência da construção hipotática aditiva, mas, sim, de uma construção modal/condicional negativa, como podemos observar abaixo:

(03) Felício alega que a denúncia do MP o acusa de modo genérico e impreciso, *sem explicar que* atos o tucano teria praticado para frustrar a licitude dos processos licitatórios da Prefeitura de Praia Grande.

Em (03), *sem* introduz uma oração hipotática não finita modal negativa, valor semântico que lhe é mais básico e composicional. Nos dados analisados, temos observado, recorrentemente, que a oração hipotática modal introduzida por *sem* e seguida por verbo *dicendi* tem como pano de fundo um relato. Um outro aspecto que vale a pena ressaltar é que há uma tendência da correlação entre sujeitos na construção com valor modal, fato menos recorrente na de valor aditivo. Como podemos notar acima, *sem explicar que* apresenta uma informação do enunciador sobre um relato atribuído a outrem: Felício alegou que o MP o acusa de modo genérico e impreciso, mas nada falou sobre os atos praticados para frustrar a licitude dos processos. Na verdade, quem fez essa observação sobre o que não foi dito, explicado, foi o enunciador, em cuja fala podemos inferir que houve, por parte de Felício, uma tentativa de escamotear os fatos. Sob esse ponto de vista, enquanto, nas ocorrências 01 e 02, há uma maior vinculação entre a preposição e o verbo *dicendi*, com perda de traços composicionais, na construção modal (e também na condicional), esses elementos se mantêm relativamente⁴ autônomos (já que recuperamos o significado de cada elemento para o sentido global da construção). Por esse motivo, representamos a construção modal/condicional encabeçada por *sem* da seguinte maneira: [[*sem*][oração não finita]]. Nessa notação, os colchetes que separam a preposição *sem* da oração não finita visam a representar sua relativa autonomia sintático-semântica.

É importante também ressaltar que a notação da construção modal/condicional negativa iniciada por *sem* não prevê necessariamente um verbo *dicendi* no interior da oração não finita, porque se trata de uma construção mais geral, que prevê diversos tipos de verbo. Os dados i, ii e iv, previamente extraídos de Neves (2018, p. 791), por exemplo, representam ocorrências dessa construção, a despeito da ausência de verbos *dicendi* no interior da construção.

Neste trabalho, temos dois objetivos principais: 1) diferenciar os usos da construção hipotática aditiva [*sem* V_{dicendi} *que*] da construção hipotática modal/condicional negativa introduzida por *sem*, com foco na diferença de significado, no tipo de articulação sintática – se hipotática integrada e/ou hipotática desgarrada – e no contexto discursivo em que cada uma delas tende a ocorrer; 2) recuperar a trajetória diacrônica da origem de [*sem* V_{dicendi} *que*] a partir de sua gradiência sincrônica. Argumentamos que essa reconstrução histórica a partir de dados

⁴ Empregamos o termo “relativamente” porque entendemos que não há independência, mas menos dependência.

sincrônicos é perfeitamente plausível, haja vista que os inúmeros estudos diacrônicos realizados em investigações tipológicas nos permitem prever a direcionalidade da mudança. Como as pesquisas históricas evidenciam, a formação de construções de natureza mais procedural – como [sem *V_{dicendi}* que] – resulta de processos cognitivos gerais que levam ao aumento de vinculação (*chunking*) e abstratização, à perda de traços composicionais e à recategorização, por exemplo.

Para realizar essa análise, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, um modelo de análise linguística que busca descrever a gramática das línguas naturais a partir de dados empíricos do uso em perspectiva construcional. Empregamos o método misto de análise, em que selecionamos, ao todo, 248 ocorrências da sequência de palavras *sem + V_{dicendi} + que* na base de dados *Now* do *Corpus* do Português⁵, relacionando cada uma delas à construção a que se vincula: [sem *V_{dicendi}* que] e [[sem][oração não finita]]. Cabe frisar que a base de dados *Now* contém 13 diferentes verbos *dicendi* após a preposição *sem*, entre os quais selecionamos os nove primeiros: *contar, falar, dizer, mencionar, revelar, negar, referir, especificar e explicar*. Desconsideramos os verbos *citar, informar, avisar e afirmar* porque apresentavam uma quantidade de ocorrências relativamente baixa para análise.

No intuito de promover uma apresentação didática, este texto está dividido em seis partes. Além desta introdução, há as seguintes seções: Fundamentação teórica; Procedimentos metodológicos; Análise dos Dados; Considerações finais. Por fim, incluímos as Referências bibliográficas.

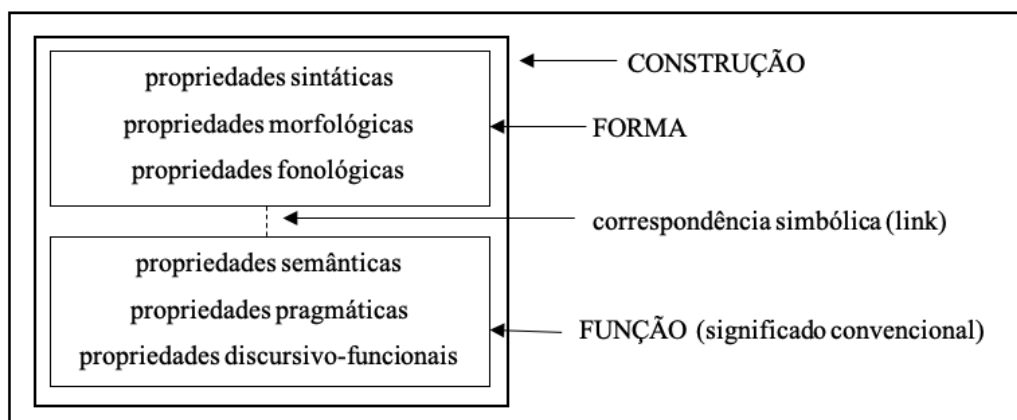
Fundamentação teórica

A Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (cf. CUNHA et al., 2013; TRAUOGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016, entre outros) representa uma nova fase do Funcionalismo Norte-Americano, que passa a dialogar com as Gramáticas de Construções Baseadas no Uso (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HILPERT, 2014, DIESSEL, 2019; entre outros). Da mesma maneira que as outras abordagens funcionalistas, busca descrever a gramática das línguas naturais a partir de dados empíricos do uso, na medida em que a enxerga (a gramática) como um sistema adaptativo moldado por duas diferentes forças: motivações internas, que se originam no domínio linguístico, e motivações externas, que pertencem ao domínio dos requisitos funcionais do discurso (cf. DU BOIS, 1985).

⁵ Disponível em: www.corpusdoportugues.org/now.

Uma das principais diferenças entre a LFCU e as outras vertentes funcionalistas é que ela concebe a língua como uma rede de construções – isto é, um inventário interconectado de pareamentos simbólicos de forma e função [[FORMA] \leftrightarrow [FUNÇÃO]] –, em que tanto os aspectos formais quanto os funcionais assumem relevância equivalente. Como sabemos, é consensual em diversas abordagens linguísticas a ideia de que a língua é um sistema altamente organizado que comporta diferentes dimensões: fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva (compreendendo-se, nesta última dimensão, aspectos concernentes às sequências tipológicas, aos gêneros textuais, aos domínios discursivos, entre outros). A abordagem construcional da gramática pode ser considerada uma perspectiva holística, na medida em que busca mapear a atuação dessas diferentes dimensões na descrição gramatical. Como podemos notar logo abaixo, na representação simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18), as seis diferentes dimensões linguísticas constituem propriedades intrínsecas das construções:

Figura 1. A estrutura simbólica da construção.



Fonte: Croft (2001, p.18)

Um outro aspecto importante do modelo é que ele rompe com a perspectiva atomista da gramática, em que o foco costuma recair sobre a palavra como unidade de análise por excelência. Na perspectiva construcional, entende-se que as construções linguísticas podem apresentar diferenças quanto ao tamanho, à especificidade fonológica e à conceptualização, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 1. Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj-mente</i>

Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>
------------------	--------------------------------	--	---------------------------------------

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240)

Uma construção como [sem V_{dicendi} que], por exemplo, é complexa quanto ao tamanho (composta por três elementos), intermediária quanto à especificidade fonológica (prevê elementos fonologicamente específicos – *sem* e *que* – e um outro não especificado – o verbo *dicendi*) e procedural quanto à conceptualização (já que a construção apresenta um valor funcional, de conector aditivo). Trata-se de uma abordagem mais adequada para esse tipo de objeto, uma vez que a construção [sem V_{dicendi} que] deve ser interpretada como uma expressão pré-fabricada (cf. DIESEL, 2019), isto é, uma espécie de sintagma complexo que atua como um *chunk*, em que os elementos construcionais se encontram altamente vinculados e o sentido da construção não é uma derivação direta da soma do significado de seus elementos componentes.

Sendo a língua um sistema adaptativo (cf. DU BOIS, 1985), a teoria funcionalista se ocupa não somente da descrição sincrônica da língua, mas também da investigação diacrônica. Sobre esse último aspecto, interessa-nos saber quando novas construções surgem na língua ou, ainda, quando construções já existentes passam a apresentar novas funções. Paralelamente, procuramos entender por que novas construções surgem e por que construções antigas se reconfiguram. Logo, preocupamo-nos em identificar tanto o fenômeno em variação/mudança quanto as forças sociais e cognitivas que motivam a mudança.

Na LFCU, o tratamento construcional da mudança tem sido feito principalmente pelo modelo da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), que visa a identificar, na investigação diacrônica, quando ocorrem mudanças construcionais (alterações só no plano formal ou funcional de uma dada construção, sem que isso resulte em uma nova construção) ou construcionalizações (quando a mudança linguística resulta na formação de um novo pareamento de forma e função na língua). Mais recentemente, Rosário e Lopes (2019) elaboraram o modelo da construcionalidade, em que a reconstrução da trajetória diacrônica de uma construção pode ser feita, hipoteticamente, com base na gradiência sincrônica.

Vale ressaltar que o estudo diacrônico com base na sincronia não é novidade no estudo funcionalista. No Funcionalismo Norte-Americano, por exemplo, os termos *gramaticalização sincrônica* e *gramaticalidade* ganharam força e elevada plausibilidade explanatória à medida que os estudos diacrônicos empreendidos indicavam uma direcionalidade para a mudança

gramatical, de modo que, na investigação de um item polifuncional e/ou polissêmico na língua, temos bastante segurança em indicar quais são os usos originais (ou bases) e quais são os mais recentes na língua. Em uma língua natural que apresente, por exemplo, dois usos para o verbo básico de deslocamento espacial (como o verbo *ir* no português, que pode ser empregado como forma plena ou auxiliar de futuro), há uma forte tendência de o uso auxiliar de futuro ter derivado da forma plena, o que nos possibilita levantar hipóteses bastante plausíveis sobre sua emergência histórica com base em dados sincrônicos.

Segundo Rosário e Lopes (no prelo), a construcionalidade pode ser definida como a “relação sincrônica entre duas (ou mais) construções, de modo que uma construção pode ser apontada como base para outra, a partir de seus diferentes níveis de gradiência e gramaticalidade”. Trata-se de uma perspectiva que tem o objetivo de descrever a mudança linguística com base em dados exclusivamente sincrônicos, a partir de generalizações a que chegaram diversos outros estudos linguísticos sobre a direcionalidade da mudança. Mais especificamente, busca identificar a fonte de construções mais recentes na língua, sobretudo as de conceptualização procedural, na medida em que, normalmente, os novos usos mantêm os elementos da construção original em sua composição, só que em uma configuração em que esses mesmos elementos se encontram mais vinculados uns aos outros (ou, ainda, mais abstratizados), e acarretam um sentido menos composicional para a construção (ambos efeitos da repetição e da automatização dos usos). Conforme argumentamos previamente, a sequência de palavras *sem + V_{dicendi} + que* pode instanciar duas construções diferentes, a aditiva – [sem V_{dicendi} que] e a modal/condicional negativa [[sem][oração não finita]]. Sob esse ponto de vista, a primeira pode ser considerada como um resultado da construcionalização da segunda, exatamente porque seus elementos são mais vinculados e é menos composicional (no sentido de que o significado da construção não é o resultado da soma do significado de suas partes).

No Funcionalismo Norte-Americano, os parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 2002) eram amplamente empregados na investigação da gramaticalização sincrônica (ou gramaticalidade). Tais parâmetros podem ser adaptados para a descrição da construcionalidade.

Quadro 2. Parâmetros de gramaticalização

Parâmetro	Eixo	Paradigmático	Sintagmático
Peso		Integridade	Escopo estrutural
Coesão		Paradigmaticidade	Vinculação
Variabilidade		Variabilidade paradigmática	Variabilidade sintagmática

Fonte: Lehmann (2002, p. 110)

Na investigação da gramaticalização sincrônica (ou da gramaticalidade), modelo centrado na emergência de itens de função gramatical, a comparação entre usos menos e mais gramaticais de um mesmo item pode se dar em termos da diferença nos graus dos parâmetros expressos no quadro 2. Como ilustração, ainda sob a perspectiva do item, apresentaremos esses critérios comparando dois usos do verbo *ir*, como verbo pleno (menos gramatical) e verbo auxiliar (mais gramatical):

- a) *Integridade*: o verbo auxiliar apresenta diminuição da integridade semântica em relação ao uso pleno (perda do traço de espacialidade, com metaforização para designação temporal).
- b) *Paradigmaticidade*: o verbo auxiliar integra um paradigma de base semântica comum mais restrito em relação ao verbo pleno. Há mais opções de substituição de *ir*, na função de verbo pleno, do que na função de auxiliar, isto é, o paradigma de verbos de deslocamento espacial contém mais elementos do que o paradigma de verbos auxiliares de futuridade.
- c) *Variabilidade paradigmática*: a partir do momento em que o verbo auxiliar constitui um paradigma mais restrito que o verbo pleno, diminui-se também a liberdade de escolha do usuário. Inclusive, esse parâmetro prevê que “variabilidade intrapragmática diminui com o aumento da gramaticalização” (LEHMANN, 2002, p. 123).
- d) *Escopo estrutural*: o aumento da gramaticalização acarreta a diminuição do escopo estrutural. O verbo pleno *ir* tem um escopo mais amplo (todo o SV, isto é, todo o predicado), ao passo que o auxiliar tem como escopo o verbo principal (isto é, apenas V).
- e) *Vinculação*: o verbo auxiliar *ir* está mais vinculado ao verbo principal do que o verbo pleno (inclusive, como sabemos, alguns testes comuns de auxiliaridade verbal são realizados a partir da verificação da possibilidade da inclusão de elementos – como estruturas de negação – entre dois verbos. Dadas duas frases como *eu pretendo falar sobre isso* e *vou falar sobre isso*, por exemplo, na primeira, sob uma perspectiva formal, temos dois verbos plenos, já que podemos dizer: *eu não pretendo falar sobre isso*; *eu pretendo não falar sobre isso*; na segunda, por sua vez, a negação entre os verbos se torna agramatical: * *vou não falar sobre isso*).
- f) *Variabilidade sintagmática*: diz respeito à facilidade com que um signo pode ser trocado de contexto sintático (referente, sobretudo, à mudança posicional). No signo

gramaticalizado, a variabilidade sintagmática decresce, isto é, há uma tendência à fixidez posicional. Sob esse ponto de vista, o auxiliar *ir* apresenta menos variabilidade em relação ao verbo pleno, sendo restrito à posição esquerda imediata do verbo principal.

Como podemos notar, os parâmetros de gramaticalização nos permitem identificar os usos mais ou menos gramaticais de um item. Como a gramaticalização é um fenômeno diacrônico, resultante da abstratização de categorias mais lexicais (ou menos gramaticais), é possível indicar, com bastante plausibilidade, quais são os usos originais e quais são os mais recentes na língua. No caso em tela, o verbo auxiliar, por ser mais gramaticalizado, tende a ser o mais recente na língua. Isso não diz respeito apenas à língua portuguesa, como também a qualquer língua natural em que um verbo básico de deslocamento espacial também seja empregado como auxiliar de futuro.

Fazendo-se as devidas adaptações, é possível aplicar os mesmos critérios para a análise da construcionalidade na investigação das construções procedurais das línguas. Os estudos diacrônicos sobre a formação das construções complexas – isto é, construções constituídas por dois ou mais elementos – têm mostrado que a forma de valor menos procedural (ou até mais lexical) apresenta os mesmos elementos em sua composição que a construção mais procedural (ou menos lexical). A diferença entre elas reside, sobretudo, no aumento tanto da vinculação entre os elementos que compõem a construção quanto de sua abstratização, bem como na diminuição de sua composicionalidade semântica. Esses aspectos são o resultado da atuação de processos cognitivos gerais, sobretudo, dos efeitos da frequência de uso na memória humana: a repetição leva à automatização; a automatização leva ao *chunking* – isto é, a formação de agrupamentos como unidades cognitivas acessadas em bloco único – e à dessemantização – isto é, à perda de traços de significado, de modo que a unidade apresente algum grau de idiomatismo, já que seu sentido global não é originário da mera soma do significado dos elementos que compõem a construção.

Na última seção, propomos uma análise de [sem $V_{dicendi}$ que], por meio do diálogo da perspectiva da construcionalidade com os parâmetros de gramaticalização de Lehmann (2002).

Procedimentos metodológicos

Para esta pesquisa, levantamos os dados da sequência de palavras *sem* + *Vdicendi* + *que* na base de dados *Now* do *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org). Trata-se de um *corpus* atual, bastante extenso (contém aproximadamente 1.1 bilhão de palavras), constituído de textos da esfera jornalística entre o período de 2012 a 2019. Ao todo, selecionamos 248 ocorrências, formadas por sequências em que o *slot* do verbo é preenchido por diferentes verbos *dicendi*, conforme consta no quadro abaixo:

Quadro 4. Quantidade de ocorrências da sequência de palavras *sem* + *Vdicendi* + *que* na base de dados *Now*.

Sequência de palavras	Total de ocorrências no <i>corpus</i>	Quantidade de ocorrências selecionadas
1. sem contar que	2.734	30
2. sem falar que	1.554	30
3. sem dizer que	175	30
4. sem mencionar que	132	30
5. sem revelar que	51	30
6. sem negar que	39	30
7. sem especificar que	56	30
8. Sem explicar que	22	20
9. sem referir que	18	18
10. sem citar que	17	0
11. sem informar que	16	0
12. sem avisar que	14	0
13. sem afirmar que	09	0
Total de ocorrências	4.837	248

Fonte: elaboração própria.

Optamos por descartar as quatro últimas sequências tanto em virtude da baixa frequência de ocorrência quanto também pelo fato de os dados anteriores já nos serem suficientes para o estudo proposto. Vale ressaltar que as ocorrências identificadas nesse quadro representam tão somente a quantidade de vezes que essa sequência de palavras ocorre no *corpus*, sem que haja nenhuma análise de sua função na língua.

Feito o levantamento, procedemos à análise dos dados. Nesse processo, empregamos o método misto, que se caracteriza pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (LACERDA, 2016, p. 85). O aspecto qualitativo da análise se deu pela verificação de dois fatores:

- 1) Atribuição da ocorrência como um padrão pertencente à construção modal/condicional negativa – [[sem] [oração não finita]] –, à construção aditiva [sem *Vdicendi* que] ou, ainda, a algum outro padrão construcional não observado anteriormente.
- 2) Identificação do tipo de articulação: se hipotática integrada ou hipotática desgarrada.

O aspecto quantitativo, por sua vez, se deu pela verificação:

- 1) Dos diferentes verbos *dicendi* que licenciam ambas as construções: a modal/condicional negativa e a aditiva;
- 2) Da produtividade *token* de cada um dos padrões que instanciam a construção aditiva.

Análise dos dados

No intuito de garantir a inteligibilidade da apresentação dos dados, optamos por dividir esta seção em três subseções.

Verbos dicendi que instanciam a construção aditiva [sem V_{dicendi} que] e a construção modal/condicional negativa [[sem][oração não finita]]

Todas as 248 ocorrências analisadas são licenciadas por [sem V_{dicendi} que] ou por [[sem][oração não finita]]. Vale ressaltar, no entanto, que, para o último tipo, temos apenas instanciarções da construção de valor modal negativo. Sendo assim, não encontramos em nenhuma das ocorrências o valor condicional negativo, o que parece evidenciar uma elevada preponderância do uso modal – pelo menos para os verbos *dicendi* –, em comparação ao uso condicional. A distribuição das análises está disponível no quadro 5:

Quadro 5. Distribuição das ocorrências por padrão construcional.

Sequência de palavras	Ocorrências da construção modal [[sem][oração não finita]]	Ocorrências da construção aditiva [sem V _{dicendi} que]
1. sem contar que	0	30
2. sem falar que	0	30
3. sem dizer que	17	13
4. sem mencionar que	08	22
5. sem revelar que	30	0
6. sem negar que	29	01
7. sem referir que	17	01
8. sem especificar que	29	01
9. sem explicar que	20	0
Total	150	98

Fonte: elaboração própria.

Como podemos notar pelos dados numéricos, a construção modal negativa tem maior produtividade *type*, já que ela ocorre com mais frequência em seis dos nove padrões. Não

obstante, a produtividade *token* da construção aditiva [sem $V_{dicendi}$ que] pode ser considerada bastante superior à construção modal negativa [[sem][oração não finita]] – quando esta é constituída por verbo *dicendi* –, a despeito dos totais apresentados no quadro 5, com base nas ocorrências efetivamente analisadas. A razão para isso se deve à totalidade de ocorrências de cada sequência de palavras no *corpus*. Como podemos ver no quadro 4, *contar* e *falar* representam, juntos, 4.288 ocorrências das 4.837 ocorrências da sequência *sem + V_{dicendi} + que* no *corpus*, o que equivale a 88,6% do total. Cabe aqui, portanto, um raciocínio lógico: há indícios para se dizer que parece haver maior nível de especialização para o padrão aditivo, na medida em que ele atrai verbos *dicendi* mais específicos do que a construção modal. Abaixo, segue uma ocorrência para cada um dos quatro padrões mais produtivos de [sem $V_{dicendi}$ que] como ilustração:

- (04) Acho legal essa troca de apresentadores porque faz com que a galera possa conhecer um outro lado dos artistas. E ter duas mulheres no comando faz com que as espectadoras de TV se orgulhem. Essa representatividade é muito boa. *Sem contar que* a música tem várias caras e estilos – analisa a cantora, de 31 anos.
- (05) A expectativa do Planalto é de que os trabalhos na comissão especial da Reforma da Previdência terminem ainda nesta semana, para que no dia 2 de julho o assunto possa ser votado em plenário. Mas, a situação não é tão simples. Há mais de 70 parlamentares inscritos para debater na sessão de terça, *sem falar que* será necessária muita articulação política – o que, vamos combinar, não é o forte do governo Bolsonaro, a ponto de o próprio presidente reconhecer na sexta que teve problemas nesse quesito.
- (06) Os Warriors, todavia, acabaram impactados pela atuação devastadora de Pascal Siakam, 32 pontos e um índice de aproveitamento acima dos 82%. E também pela ressurreição do até então ultra-irregular Marc Gasol, 20 pontos e 60% de acertos. *Sem dizer que*, mesmo com 34 pontos no seu boletim, Steph Curry, astro principal do Golden State, teve um desempenho pífio, de meros 44%.
- (07) Na Europa, uma loja com sede na Holanda chamada Coolblue tem os modelos que podem ver acima – temáticos dos Vingadores, Homem-Aranha, Capitão América e Homem de Ferro. Estes são feitos para o A50 e A70. A Amazon, Alemanha, por outro lado, lista os mesmos modelos para o Galaxy A40.
O preço de qualquer uma dessas capas é de € 29,90, o que não é barato, mas em linha com o que devem esperar de acessórios oficiais, *sem mencionar que* para a criação destes acessórios a Samsung também tem que pagar royalties para a Marvel.

Em cada uma das ocorrências supracitadas, podemos depreender a noção de adição porque as informações subsequentes ao conector introduzem novos elementos, autônomos em relação aos primeiros. Também podemos proceder, como critério complementar, a um teste de comutação: 04. *Além disso*, a música tem várias caras e estilos; 05. *Além disso* será necessária muita articulação política; 06. *Além disso*, mesmo com 34 pontos no seu boletim, Steph Curry,

astro principal do Golden State, teve um desempenho pífio; 07. *Além disso*, para a criação destes acessórios, a Samsung também tem que pagar royalties para a Marvel.

É importante ressaltar que, por meio dessa estratégia de substituição, não buscamos dizer que *além disso* e [*sem V_{dicendi} que*] sejam construções sinônimas, mas apenas que ambas atuam como conectores de adição na língua. Os dados atestam que [*sem V_{dicendi} que*] ocorre, predominantemente, em sequências argumentativas, em contexto avaliativo. Paralelamente, vale lembrar, conforme declaramos previamente, que [*sem V_{dicenci} que*] representa um uso mais vinculado, abstrato e menos composicional de seus elementos componentes. A noção de adição não advém da soma do significado das partes componentes da construção. Na verdade, o sentido é idiossincrático (à maneira dos idiomatismos), na medida em que *sem* é um elemento de semântica originalmente negativa, valor não recuperável em [*sem V_{dicendi} que*].

Agora, vejamos cinco ocorrências da construção modal negativa [[*sem*][oração não finita]] com os cinco últimos verbos do quadro 5, em que a construção aditiva [*sem V_{dicendi} que*] é improdutiva ou pouco produtiva:

- (08) “Quando cheguei ao Bayern, um sonho se fez realidade. A despedida não será fácil, mas nunca devemos esquecer o que alcançamos juntos”, escreveu o francês. O jogador ainda falou sobre o futuro, mas *sem revelar que* camisa vestiria a partir da próxima temporada.
- (09) “Houve uma altura em que eu disse: vou-me entregar um pouco. Pensei: já que estou nesta experiência tenho de conhecer a pessoa, mas ao mesmo tempo eu retraia-me. Havia qualquer coisa que me dizia que não era bem aquela pessoa que eu queria para mim”, adiantou Ana, *sem negar que* existiu alguma proximidade entre o casal.
- (10) De seguida, o alegado autor do crime telefonou a dois amigos, com quem antes ambos tinham estado, foi ter com eles à Avenida dos Aliados e disse-lhes que o Miguel o tentara esfaquear, *sem referir que* o atingira e abandonara à sua sorte.
- (11) Numa conferência de imprensa nesta quinta-feira, 16 de maio, o porta-voz Gao Feng, citado pela Reuters, garantiu que o Governo chinês avançará com “todas as medidas necessárias” para proteger os interesses das empresas chinesas no estrangeiro, *sem especificar que* medidas seriam essas.
- (12) O presidente americano, Donald Trump, aliado dos sauditas, afirmou em um primeiro momento que as explicações eram críveis, mas depois considerou que eram escassas. “Foi um grande primeiro passo, mas quero obter a resposta”, disse o presidente americano, *sem explicar que* tipo de “resposta” aguarda. (Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/10/ceticismo-internacional-com-as-explicacoes-suaditas-para-morte-de-khashoggi-10624465.html> - Acesso dem 03 de julho de 2021).

Nas ocorrências 08 a 12, temos instanciações da construção hipotática modal negativa [[*sem*][oração não finita]]. A noção de modo pode ser compreendida na relação entre a oração

não finita encabeçada por *sem* e o verbo da oração matriz: (08) *falou, sem revelar*; (09) *adiantou, sem negar*; (10) *disse-lhes, sem referir*; (11) *garantiu, sem especificar*; (12) *disse, sem explicar*. Dessa maneira, podemos entender como a correlação de sujeitos entre a oração matriz e a hipotática é importante na caracterização da construção com valor modal. Ademais, a noção de negação está presente em cada ocorrência, veja: em (08), o jogador francês NÃO revelou que camisa vestiria na próxima temporada; em (09), Ana NÃO negou que existia alguma proximidade entre o casal; em (10), Miguel NÃO referiu que o atingira e abandonara à sua sorte; em (11), o Governo NÃO especificou que medidas seriam essas; em (12), o presidente americano NÃO explicou que tipo de “resposta” aguarda.

Nos exemplos de (04) a (07), por sua vez, a ideia de negação está bloqueada, não sendo possível construir paráfrases com elementos de negação, como fizemos nas ocorrências de (08) a (12). Além disso, a expressão *sem + V_{dicendi} + que* não se vincula semanticamente ao verbo da oração matriz, atribuindo-lhe uma noção de modo, como ocorre nos últimos casos: em (04), *sem contar que* ocorre numa posição desgarrada, já que não se vincula ao verbo *ser* do período anterior nem aos verbos presentes nos períodos anteriores: *acho, faz, possa conhecer, ter, faz, se orgulhem*. O mesmo tipo de análise se estende às outras três ocorrências, isto é, *sem V_{dicendi} que* não se integra semântica nem sintaticamente a nenhum outro verbo precedente, mesmo nas duas ocorrências em que se apresenta em um contexto hipotático integrado – e não hipotático desgarrado, como em (04) –, conforme podemos observar nas ocorrências (05) e (07).

As duas construções na articulação hipotática integrada e hipotática desgarrada

Decat (2011) descreve as estruturas desgarradas como a possibilidade de orações “subordinadas” constituírem sozinhas unidades de informação sem estarem vinculadas sintaticamente com a matriz, não funcionando assim como constituinte desta. Um dos exemplos apontados por Decat (2011, p. 33), na apresentação do fenômeno, é o seguinte:

v. “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. *Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido o carnaval*”. (Estado de Minas, 17/2/94).

Para a estudiosa, há uma desgarrada em (v), uma vez que a adverbial concessiva se separa da oração anterior por ponto final. Não se trata, aqui, na perspectiva da autora, de um erro de sintaxe por parte do autor do texto, mas de um mecanismo “a serviço da estratégia de focalização, destacando a relação semântica mais frouxa entre os enunciados, permitindo

considerar-se a estrutura desgarrada como correspondendo a um ato de fala por si” (DECAT, 2011, p. 129). Como podemos observar nos quadros 6 e 7, a estratégia do desgarramento é bastante produtiva na construção [sem V_{dicendi} que]:

Quadro 6. [sem V_{dicendi} que] e [[sem][oração não finita]] em estruturas integradas e desgarradas.

Sequência de palavras	Estrutura integrada		Estrutura desgarrada	
	Modo neg.	Adição	Modo neg.	Adição
1. sem contar que	0	14	0	16
2. sem falar que	0	10	0	20
3. sem dizer que	16	3	1	10
4. sem mencionar que	7	12	1	10
5. sem revelar que	29	0	1	0
6. sem negar que	29	0	0	1
7. sem referir que	17	0	0	1
8. sem especificar que	29	0	0	1
9. sem explicar que	20	0	0	0
Total	147	39	03	59

Fonte: elaboração própria.

Quadro 7. Percentual de estruturas integradas e desgarradas na construção aditiva e na modal negativa.

	Estruturas integradas	Estruturas desgarradas
Construção aditiva [sem V _{dicendi} que]	40% (39)	60% (59)
Construção modal negativa [[sem][oração não finita]]	98% (147)	2% (3)

Fonte: elaboração própria.

Conforme podemos verificar, a construção modal negativa é pouco produtiva em contextos de desgarramento sintático, sendo bastante pontual sua frequência *token* – 03 ocorrências, o que representa apenas 2% dos dados. Por sua vez, a construção aditiva é bastante produtiva tanto no desgarramento sintático (59 ocorrências, 60% dos dados) quanto na hipotaxe integrada (39 ocorrências, 40% dos dados). Como ilustração, vejamos mais algumas ocorrências de [sem V_{dicendi} que], nos contextos de integração e de desgarramento:

- (13) Com funcionalidade do Chromecast, a Guigo TV oferece plano básico que contém 18 canais: \$15 reais por mês aos primeiros 5 mil assinantes, *sem contar que* o consumidor, antes de adquirir algum pacote, consegue a opção 7 dias grátis.
- (14) Quando foi criada a CPI da Milícia para investigar quem são os chefes das milícias, todos deputados votaram a favor, o único que foi contra a CPI da Milícia foi o Flávio Bolsonaro. *Sem mencionar que* existem vários vídeos do Bolsonaro elogiando milícias, até mesmo seus filhos elogiam.

Em (13), *sem contar que* se apresenta em contexto mais integrado, em que a preposição *sem* atua como um subordinador. No entanto, trata-se de uma vinculação hipotática apenas no plano da forma, mas não no plano do significado. Afinal, não podemos afirmar que “sem falar” se vincula semanticamente ao verbo “ganhar”, presente na oração matriz, como normalmente ocorre quando há a construção modal negativa – conforme vimos ao final da subseção anterior.

Acreditamos que a desvinculação semântica presente nesse tipo de contexto tenha servido, diacronicamente, para que o desgarramento seja recorrentemente empregado como uma estratégia discursiva nessa construção. Já que não há vinculação semântica, não há por que se manter o encaixamento. Por isso, ocorrências desgarradas como a expressa em (14) são relativamente mais frequentes na construção aditiva, em que não há vinculação semântica nem sintática. Provavelmente, isso significa que o usuário da língua veja as informações articuladas por [sem *Vdicendi que*] como unidades informacionais distintas, articuladas somente em nível supraoracional.

A emergência da construção aditiva [sem Vdicendi que]

Na seção 2, apresentamos o conceito da construcionalidade (ROSÁRIO e LOPES, no prelo), cunhado para dar conta da descrição da trajetória diacrônica das construções com base em sua gradiência sincrônica. Como dissemos, a motivação para a elaboração desse modelo surgiu em analogia ao que fez o Funcionalismo Norte-Americano quando criou os termos *gramaticalização sincrônica* ou *gramaticalidade* com esse mesmo fim.

Uma vez que a construcionalização gramatical – isto é, a formação de um novo pareamento de forma e função, de uso procedural – é um fenômeno diacrônico que prevê uma direcionalidade – assim como o fenômeno da gramaticalização –, defendemos, aqui, que é possível a aplicação de parâmetros para definir os diferentes graus de gramaticalidade inerentes às construções linguísticas. Acreditamos, inclusive, que isso representa um ganho para o modelo que, ao conceptualizar a construcionalização como resultado da mudança – e não como processo –, acabou por impactar na representação do *continuum* categorial, aspecto tão caro à perspectiva funcionalista. Afinal, duas construções gramaticais podem apresentar diferentes graus de gramaticalidade (sendo uma delas menos composicional, mais vinculada e abstrata, por exemplo).

Também na seção 2, afirmamos que os parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 2002) são potencialmente replicados na perspectiva da construcionalização para o tratamento da emergência de novas construções gramaticais. Assim como, na perspectiva da

gramaticalização, utilizávamos esses parâmetros para o estudo da gramaticalidade ao compararmos os usos menos e mais gramaticais de um mesmo item, podemos comparar o uso menos gramatical e mais gramatical de uma sequência de elementos *x*, reconfigurada no uso para a expressão de funções mais procedurais.

Com base nesses parâmetros, concluímos que há fortes indícios de que [sem V_{dicendi} que] seja uma recategorização de [[sem][oração não finita], porque:

a) Em relação ao parâmetro **integridade**, apresenta diminuição da integridade semântica, já que a noção de adição não emerge da soma do significado de seus elementos componentes. Isto é, é menos composicional e vinculada, dois aspectos prototípicos da formação de construções complexas de função procedural.

b) Em relação ao parâmetro **paradigmaticidade**, a construção passa a integrar um paradigma de base semântica comum mais restrito: a dos conectores aditivos. A classe modal é mais variável, tanto no que diz respeito às possibilidades de escolha do verbo interno à construção, quanto às nuances de sentido articuladas à ideia de modo.

c) Em relação ao parâmetro da **variabilidade paradigmática**, a construção hipotática/condicional negativa é mais geral. Licencia o uso de inúmeros tipos de verbo. Já a construção integrada/desgarrada aditiva tem restrições quanto aos verbos que licencia: apenas alguns poucos verbos *dicendi*.

d) Em relação ao parâmetro **escopo estrutural**, a preposição *sem*, elemento formal responsável pela relação de integração/desgarramento, apresenta escopo estrutural reduzido em relação à construção hipotática modal/condicional negativa. Nesta última, o escopo sintático-semântico é toda a oração não finita. Na primeira, o escopo semântico recai sobre o verbo *dicendi*, com o qual compõe o sentido de adição.

e) Em relação ao parâmetro **vinculação**, na construção integrada/desgarrada aditiva, a preposição e o verbo estão mais vinculados, em virtude de constituírem um *chunk*. A construção hipotática modal/condicional negativa, por exemplo, permite termos intervenientes entre preposição e verbo (*a pandemia da Covid-19 agravou os números da corrupção no país, sem com isso explicar que ações de reposta esta instituição estaria a desencadear com vista a*

colmatar esta situação), ao passo que isso não ocorre na construção hipotática/desgarrada aditiva.

f) Por fim, em relação ao parâmetro **variabilidade sintagmática**, a construção integrada/desgarrada aditiva apresenta menos mobilidade posicional em relação à construção hipotática modal/condicional negativa. A última pode ser anteposta à oração matriz, enquanto a primeira sempre a sucede.

Considerações finais

No português, a sequência de palavras *sem + V_{dicendi} + que* pode ser uma instanciação de duas construções distintas: da construção hipotática modal/condicional negativa [[sem][oração não finita]] ou da construção hipotática integrada/desgarrada aditiva [sem V_{dicendi} que]. Argumentamos, com base no conceito da construcionalidade, que a segunda construção tem como origem a primeira, haja vista que preenche os aspectos comumente atribuídos à construcionalização: seus elementos são mais vinculados, abstratizados e menos composicionais em relação à primeira.

Podemos medir a maior vinculação e a menor composicionalidade de [Sem V_{dicendi} que] de duas formas: 1) o valor aditivo sempre ocorre com os elementos dispostos nessa sequência, com os mesmos itens, sem a existência de termos intervenientes; 2) o sentido global da construção – isto é, seu valor aditivo – não emerge da soma do significado de seus elementos constituintes. Muito pelo contrário, a noção de adição emerge na construção, muito embora a preposição que encabeça a construção tenha uma semântica própria de negação.

[sem V_{dicendi} que] não licencia todos os verbos *dicendi*. De acordo com os 248 dados analisados, dos nove verbos investigados, são mais produtivas as formas *contar, falar, dizer e mencionar*, muito pouco produtivas as formas *negar, referir e especificar* e, aparentemente, improdutivas as formas *revelar e explicar*.

Os dados evidenciam que as duas construções descritas – a modal/condicional negativa [[sem][oração não finita]] e a aditiva [sem V_{dicendi} que] – têm distribuição distinta quanto ao tipo de articulação. As primeiras ocorrem, via de regra, em contextos de hipotaxe integrada, ao passo que as últimas têm uma distribuição relativamente equivalente entre hipotaxe integrada e hipotaxe desgarrada. A hipótese que apresentamos é que o desgarramento é uma provável consequência da desvinculação semântica entre a construção e o verbo da oração matriz. A

lógica inconsciente por trás dessa mudança seria: já que x e y não estão semanticamente integrados, não devem também estar sintaticamente integrados.

[sem $V_{dicendi}$ que] ocorre prioritariamente em sequências argumentativas, em contextos altamente avaliativos/persuasivos. [[sem][oração não finita]], por sua vez, em sequências expositivas, quase sempre reclusa em um cotexto linguístico em que faz referência a um outro verbo *dicendi* da oração matriz, isto é, remete-se a um discurso direto ou indireto prévio.

Referências

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, p. 13-39, 2013.

DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. New York: Oxford University Press, 2004.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburg Textbooks, 2014.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume Especial, p. 83-101, 2016.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2nd edition. Erfurt: Universität Erfurt, 2002.

NEVES, M. H. M. *A Gramática do Português Revelada em Textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletas*, V. 37, p. 83-102, 2019.

ROSÁRIO, I. C. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: EDUFRO, no prelo.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.